

Semana Pedagógica

2º Semestre - 2016



*Aprender a Ensinar
em Uma Perspectiva
Metacognitiva*

Anexo II



APRENDER A ENSINAR EM UMA PERSPECTIVA METACOGNITIVA

Evelise Portilho

A educação pode transformar a cultura, mas somente na medida em que se tenham transformado seus educadores. (FERGUSON, 1994)

Com as exigências do mundo contemporâneo em que vivemos, um mundo onde a diferença é vital e aparente, cabe ao professor, antes mesmo de conhecer como o seu aluno aprende, tomar consciência e controle das estratégias que utiliza para aprender. Acreditamos que, somente quando damos conta de como e o que utilizamos para aprender, estaremos aptos a conhecer como e o que os nossos alunos utilizam na hora de aprender.

A atitude do professor é fundamental no processo de aprendizagem de seus alunos. No seu estilo de ensinar, ele denuncia valores, os saberes, os sentimentos, os princípios que norteiam a sua prática pedagógica. Todos nós temos seguramente, a lembrança de algum professor na nossa vida, seja porque marcou positiva ou negativamente. Sendo assim, fica evidente a importância de um professor na vida de uma pessoa.

No estilo de ensinar, o professor, consciente ou não, privilegia os alunos que compartilham com ele o mesmo estilo de aprender. E aí nos perguntamos: Como ficam aqueles que diferem do professor enquanto aprendem? Não estaremos mais uma vez excluindo os diferentes?

Podemos então afirmar que, quanto mais o professor variar seus estilos de ensinar, mais *chance* dará aos alunos, que apresentam diferentes estilos de aprender, em obter sucesso na sua aprendizagem acadêmica.

É bom lembrar que estar inserido em uma escola, que tem projeto pedagógico baseado em princípios progressistas, interacionistas, construtivistas ou algo parecido, não garante um ensino voltado ao desenvolvimento do refletir, sentir, agir e interagir.

Gadotti (2004) explicita esta posição quando afirma: “ A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também se preocupar com a formação global dos alunos, em uma visão em que o conhecer e o intervir no real se encontrem. No entanto, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças,

reconhecê-las, não camuflá-las e aceitar que para me conhecer preciso conhecer o outro”. (p. 8)

Ensinar, portanto é estar comprometido com o outro (com o aluno), um ser de possibilidades, dificuldades e necessidades, como todos os humanos.

E as inquietações continuam: Como se aprende? Como acontecem os processos de ensino? De que maneira as estratégias cognitivas podem ir se modificando? Cabe ao professor ensinar ou deixar aprender? O que significa realmente aprender a aprender?

Essas questões nos mobilizam ao estudo do processo de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino, na busca de um olhar mais competente sobre o sujeito que aprende.

É comum encontrar alunos com numerosas dificuldades para compreender certos raciocínios, adotando condutas inapropriadas de aprendizagem como, por exemplo, repetir mecanicamente certa informação quando o que se espera para uma melhor retenção é relacioná-la com conhecimentos anteriores. É fundamental que o estudante tome consciência do que faz e organize suas atividades para conseguir melhores resultados em sua aprendizagem acadêmica. Concebendo a aprendizagem como uma atividade estratégica, planejada e controlada pela pessoa que aprende e que se constrói durante toda a vida, a necessidade de tomar consciência dos resultados, ou melhor, do porquê dos resultados, é possível quando o sujeito utiliza a atividade metacognitiva para aprender.

Portanto, podemos afirmar a necessidade de incluir no programa curricular do ensino o desenvolvimento das estratégias metacognitivas, já que o professor não somente deve basear-se na explicação de como acontecem determinados fenômenos mas também deve difundir o valor deles. Além da aquisição dos conhecimentos, é importante que o aluno tenha acesso a eles no momento oportuno e com um determinado propósito, tornando-se, assim, mais competente enquanto aprendiz.

Mar Mateos (2001) ressalta esta ideia quando diz que “as dificuldades que muitas crianças experimentam na hora de aprender são atribuídas, não tanto a falta de competência para executar as estratégias relevantes de uma tarefa, como a uma deficiência para produzi-las espontaneamente” (p.93). É o que para Flavell (1985) significa “deficiência de mediação”. Isto ocorre porque as crianças não nascem tendo um conhecimento e um controle metacognitivo suficiente. É necessário ensiná-las.

O ensino metacognitivo é uma das possibilidades de o aluno desenvolver um conhecimento explícito das estratégias específicas necessárias nas diferentes atividades de aprendizagem e na solução de

problemas, com o intuito de controlar de maneira autônoma sua própria aprendizagem. O ideal é que, ao aprender a manter as estratégias adquiridas no contexto de uma determinada tarefa, o aluno consiga transferi-la a novas situações. Uma vez que sabemos que a habilidade de controlar a nossa aprendizagem é resultado de um processo subjetivo que acontece gradualmente em decorrência dos mecanismos de regulação exercidos pelas outras pessoas, cabe ao ensino facilitar este processo de transferência do controle. Como diz Mateos (2001), “trata-se, portanto, de ir cedendo ao aluno progressivamente maior responsabilidade para decidir por si mesmo, quando, como e por que utilizar as diferentes estratégias”. (p.102)

Como propõe esta autora, para que o aluno tenha autonomia na sua aprendizagem, é importante que o professor dirija o seu ensino, considerando as seguintes etapas:

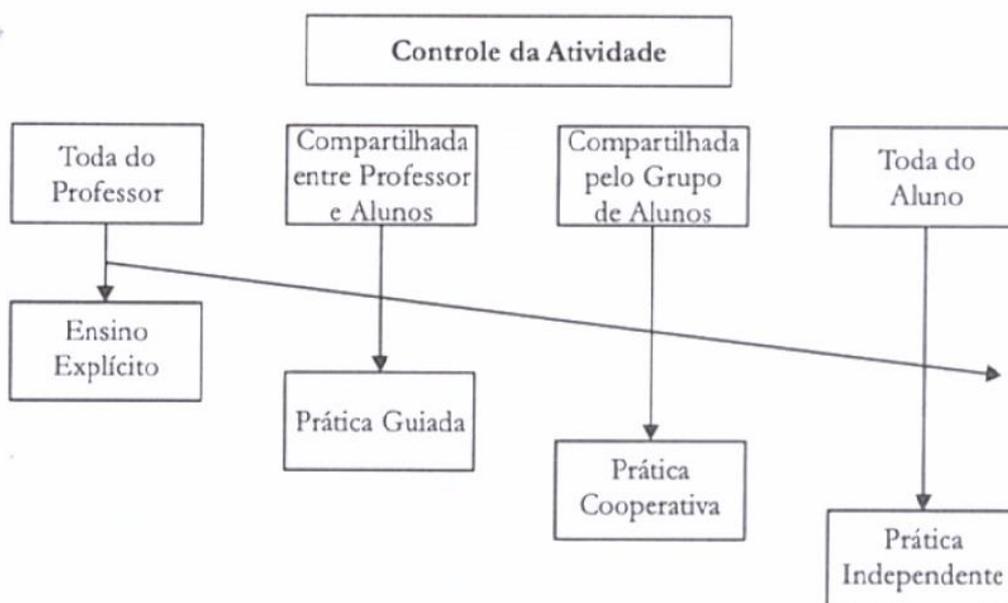


FIGURA 4 – Ensino Metacognitivo – baseado em Mar Mateos (2001, p. 104)

1. Ensino explícito – nesta primeira etapa, o ensino é de responsabilidade exclusiva do professor. Cabe a ele apresentar aos alunos as estratégias necessárias para uma determinada atividade, demonstrando “como” aplicá-las e explicando o “porquê” elas ajudam;

2. Prática guiada – neste momento, o ensino é compartilhado entre o professor e os alunos. Após as explicações sobre as estratégias a serem

utilizadas, os alunos devem praticar o processo ensinado, junto com o professor, e este deve apoiar e orientar os alunos a alcançarem a sua autonomia;

3. Prática cooperativa – nesta etapa, o ensino é vivenciado entre os próprios alunos. O controle da atividade passa a ser do grupo e, conseqüentemente, é dividido entre seus membros, o que possibilita o aparecimento de novas competências individuais, uma vez que potencializa uma maior consciência e controle dos próprios processos cognitivos – estamos falando de metacognição;

4. Prática individual – nesta última etapa, a atividade é assumida totalmente pelo aluno, aumentando, assim, a sua responsabilidade na hora de aplicar as estratégias. O que pode ajudá-lo é o guia de auto-questionamento, que contém perguntas que cada aluno deve fazer para si mesmo, com o intuito de regular sua atuação durante a atividade acadêmica. Este guia pode ser elaborado pelo professor ou pelos próprios alunos, ou até mesmo ser substituído pelo assessoramento de um computador. Exemplo de algumas questões:

- Durante a resolução de um problema: Qual a natureza deste problema?
- O que pretendo alcançar? De que informações e estratégias necessito para resolvê-lo?
- Durante o processo de resolução do problema: Estou alcançando as minhas metas? Necessita realizar alguma mudança?
- Na avaliação da solução alcançada: Consegui alcançar as minhas metas? Por que não funcionou?

E para o ensino metacognitivo chegue ao seu objetivo, é importante que o professor ofereça a oportunidade de o aluno aplicar as estratégias aprendidas em situações diferentes da anterior. Aí sim, poderemos constatar se houve aprendizagem, no real sentido da autonomia.

Mas novamente frisamos que, para que os alunos desenvolvam a consciência metacognitiva, é necessário que os professores sejam, além de ensinantes, também aprendentes e, conseqüentemente, transformem o ensino a partir de exigências diferentes com relação à aprendizagem a que estivemos acostumados por muito tempo. Tendo por base Ontorria (2000), apresentamos e acrescentamos algumas dessas exigências e suas características:

- O processo de aprendizagem deve estar centrado na compreensão e não apenas na aquisição de informação e conteúdos, promovendo o aprender a aprender;

- Deve-se potencializar a aprendizagem a partir da valorização do pensamento autônomo, criativo e divergente, favorecendo a reflexão e o sentido crítico diante das diferentes informações;
- Implica a flexibilidade no processo aprendizagem-ensino, priorizando relações mais humanas e pessoais, onde a pluralidade de estilos de ensinar favoreça os diferentes estilos de aprender;
- A pessoa deve ser a base para a aprendizagem e conseqüentemente, o ensino e o ambiente escolar devem estar voltados para a valorização de cada estudante, sem rótulos e discriminações;
- O professor deve favorecer um espaço em que o aluno, após a tomada de consciência de como ele aprende e de como pode utilizar seus esquemas de controle, possa reconstruir-se, objetivando mudar o que já está estabelecido e cristalizado em seu modelo aprendiz e, conseqüentemente, em seu modelo ensinante. (PAROLIN; PORTILHO, 2003).

O pensamento de Hunt (apud ONTORIA, 2000) parece sintetizar o momento em que vivemos e indica a possibilidade de mudarmos o sentido do aprender:

Há uma enorme demanda de adaptabilidade, porque neste novo modelo não se produz nenhuma permanência, somente uma inquebrantável fé no ser humano e na capacidade dele para criar, adaptar, inovar, crescer e mudar. Neste modelo orientado ao processo, as pessoas e as organizações vão ser o novo campo de possibilidades no que diz respeito ao desenvolvimento e à criatividade humana e à exploração da interdependência de uns e outros. (p.25).

Parece claro que não podemos continuar apenas a ensinar o conteúdo, mas principalmente as estratégias para aprender o conteúdo.

PORTILHO Evelise, **Como se Aprende?** Estratégias, Estilos e Metacognição. Rio de Janeiro, RJ: Wak Ed., 2009, p. 149-155.

Atividade:

1. **Professor**, de acordo com o texto lido lembre (enquanto professor) de alguma situação de ensinagem em que você observou em seus estudantes que a sua forma de ensinar não condizia com a forma de aprender dos mesmos.
2. A partir da situação recordada, proponha uma nova dinâmica da situação de aprendizagem/ensinagem, usando como embasamento este texto.
3. Agora socialize com seus pares a situação vivenciada.